

e o mundo ficou mais conhecido: as estatísticas na construção do mundo globalizado

María Verónica Secreto

Mestre em História Social pela UFF e

Doutoranda em História Econômica do IE/UNICAMP

“Tales cifras no serían esteriles, ni jamás desperdiciadas; completando el cuadro vivo de estas nacientes sociedades, servirían de punto de partida en el estudio de su crecimiento progresivo; y pasarían a través de las generaciones, alumbrando en su origen, cuando del presente não existiera sino el polvo de los mejores monumentos.”

Diego de la Fuente (1869)

“Vivemos no mundo das cifras. A pesquisa do valor das coisas é a de seu quantum: a avaliação se reduz à pesagem. Da dona de casa que soma suas despesas ao Estado que faz o recenseamento de sua população; da inflação ao desemprego; da popularidade do presidente ao medo da Alemanha, ou à situação no Oriente Médio, nada mais são do que medidores, grandes ou pequenos, simples ou complexos.”

Jean-Luis Besson (1995)

O período que vai de 1848 a 1875 é testemunha da implantação de uma nova ordem mundial, a ordem capitalista, em função da qual o conceito de ‘mundo’ é redefinido. O que antes era só uma abstração geográfica passa a ser realidade.

Para fazer dessa abstração geográfica — ‘o mundo’ — uma realidade foi necessária a intervenção de diferentes fatores. Entre os mais importantes figuram: 1) as crescentes trocas entre as economias nacionais; 2) as viagens revolucionadas pela segurança e rapidez, que permitiram a comercialização e o transporte de passageiros, facilitaram os movimentos migratórios, o traslado dos funcionários brancos para as regiões colonizadas, as viagens dos missionários, etc. Enfim a livre circulação das mercadorias, dos homens e dos capitais, assim como da informação, potenciada pela curiosidade científica e pela iniciativa editorial.

Desde meados do século XIX e até o início do XX, a informação sobre as diferentes partes do mundo revestiu-se de várias formas: livros e guias de viajantes, informes consulares, crônicas e periódicos, etc. Neste trabalho, pretendemos analisar o papel que desempenharam as estatísticas, e sobretudo os censos e a publicação de seus resumos no conhecimento do mundo. Essa informação não está relacionada apenas ao afã de conhecimento; mas ela é também fundamental para a constituição do mercado mundial.

Pretendemos abordar o tema através das estatísticas nos 'países novos', ou periféricos, como a Argentina e o Brasil. Começamos com o diagnóstico sobre o conhecimento do mundo no século passado, para logo abordar a origem das Estatísticas Internacionais e sua relação com as Exposições Internacionais, a avaliação do conceito de estatística, os intentos de padronização do século XIX, a relação entre censos e nação, e o papel das estatísticas para os exportadores de produtos primários.

I.

A ignorância a respeito de certas partes do globo devia-se à falta de estímulos para integrá-las e torná-las mais conhecidas. Segundo Hobsbawm, a ignorância, como sintoma da falta de unidade no mundo, deriva da fraqueza dos laços econômicos. O mercado mundial recém estava se constituindo. Mas, o processo de desenvolvimento deste, e do conhecimento sobre o *mapamundi* foi relativamente rápido a partir de meados do século XIX (Hobsbawm, 1982:68).

O salto qualitativo que representaram os 'saberes' sobre o mundo, e as novas dimensões que este adquiriu, pode ser comparado com o dos séculos XV e XVI, quando novos continentes foram descobertos e integrados através da economia mercantil. Desde aqueles séculos, denominados *os séculos das expedições*, o homem dispunha da tecnologia mínima indispensável para chegar a quase todas as partes do planeta (excetuando os pólos). Mas, não havia surgido ainda um incentivo semelhante ao que aparece no século XIX. As expedições do século XIX foram favorecidas pelo transporte mais seguro, graças aos avanços técnicos, tanto na indústria naval como nas comunicações terrestres, que se viram transformadas pelas ferrovias. Mas, a inexistência destes factores nos séculos anteriores não é suficiente para dar uma resposta satisfatória à pergunta sobre a ignorância a respeito de algumas partes do globo. A explicação tem que ser procurada no desinteresse, ou ausência de in-

centivos, para 'integrar' o mundo, em particular as regiões mais atrasadas como a África e áreas da América e da Austrália.

Em meados do século XIX, o panorama mundial tinha mudado por completo. As áreas mais remotas começavam a ser mercados interessantes para Grã-Bretanha. Entre 1840 e 1875, o valor das trocas entre a mais industrializada das economias e as regiões mais atrasadas ou remotas haviam-se multiplicado por seis (Hobsbawm, 1982:69).

II.

A parte do mundo industrializado instituiu os 'rituais de autocongratulação', como chama Hobsbawm as Exposições Internacionais ou Universais. A primeira Exposição a celebrar-se foi a de Londres, em 1851. Este tipo de exibições reuniam tanto produtos industriais como 'naturais'¹. Muitos dos contemporâneos tiveram consciência das mudanças que estavam ocorrendo, e também das necessidades que essa nova realidade exigia. Assim percebeu um dos participantes, Carlos Ibañez, os antecedentes do Congresso Internacional de Estatística:

"Todos los que con intento científico visitaron aquel primer certamen de la civilización moderna comprendieron su gran utilidad, si juntos con los ejemplares allí exhibidos se hubieran ofrecido los datos numéricos de su producción.." (Ibañez, 1877:9).

Naquele evento, no qual se encontraram vários cientistas e estatísticos da Europa, planejou-se o encontro que, no ano seguinte, iria realizar-se em Bruxelas, e ficaria conhecido desde então como Congresso Internacional de Estatística (CIE). Este passou a reunir-se periodicamente com o objetivo de divulgar os trabalhos estatísticos de cada país e assegurar o intercâmbio de publicações, discutir as bases mais convenientes para o serviço geral da estatística, e formar uma estatística internacional (Ibañez, 1877:5).

Este repentino interesse pelas produções de países pouco conhecidos, e, em alguns casos 'nem sequer civilizados', segundo os critérios

¹ Os seguintes dados sobre as quantidades de empresas que concorreram em diferentes oportunidades às exposições universais podem dar uma magnitude da evolução das mesmas: 14 mil se exibiram em Londres em 1851; 24 mil em Paris em 1855; 29 mil em Londres em 1862; 50 mil em Paris em 1867. Mas, a maior foi a de Filadélfia em 1876. Cf. Hobsbawm, E. Op. cit., pág. 52.

do século XIX, estava estreitamente vinculado ao desenvolvimento do mercado mundial. Para planejar investimentos, para localizar possíveis fornecedores de matérias primas, ou possíveis compradores, era necessário conhecer o mundo. Sobretudo, saber com quanto cereal, algodão, lã, etc., contar. Também era preciso ter conhecimento das condições em que estes bens eram produzidos. Os dados demográficos mais gerais, e também as dimensões e características dos mercados de trabalho, eram de suma utilidade no caso de se ter em vista investimentos. Em síntese, tinha ficado claro que a informação era de fundamental importância para realizar qualquer tipo de negócio, para planejar ou fazer projeções².

Voltemos aos objetivos gerais dos CIEs e tentemos contextualizá-los numa dimensão mais ampla. Hobsbawm define a questão da padronização internacional do século XIX como uma padronização que foi além das variáveis econômicas e tecnológicas. Os 'modelos' copiados pelos países atrasados foram de tipos muito diversos. Podemos dizer que abrangiam todos os aspectos da realidade. Aquele autor não tem dúvidas sobre a percepção que teriam tido os 'profetas burgueses' do século XIX. Eles estavam olhando para a frente e enxergando um mundo 'padronizado'. Um setor que demandou antes que qualquer outro essa padronização foi o das comunicações, porque necessitava de uma coordenação internacional para efetivar seus serviços. Nessa época foi também lembrada a necessidade de uma linguagem internacional (Hobsbawm, 1982:83-84).

Podemos asseverar que os CIEs foram precursores desse tipo de padronização. Em primeiro lugar, eles tinham algumas vantagens quanto à possibilidade real de padronização e internacionalização: os signos numéricos constituem intrinsecamente uma linguagem internacional. E, por outro lado, os novos Estados (padronizados) estavam dispostos a

² Se no início a estatística oficial satisfazia aos 'homens de negócio', à medida que os intercâmbios no mercado mundial se fizeram maiores e mais complexos, as estatísticas 'privadas' passaram a suprir as lacunas que aquela tinha para 'consumidores de dados' tão exigentes: "*Los grandes especuladores del Chicago Board of Trade emplean corresponsales de las cosechas mundiales y elaboran los datos obtenidos. No hacen eso por amor a la investigación desinteresada: lo hacen ... porque los datos así obtenidos tienen un valor comercial que justifica los sacrificios. Eso demuestra también que en un país en el cual la estadística pública está organizada... los hombres de negocios no se quedan conformes con los datos ofrecidos por el Estado*". Broggi, Hugo. 'Importancia de los estudios estadísticos'. *Memoria del Congreso Americano de Ciencias Sociales*. Tucumán, 5 a 10 de Julio de 1916. Imprenta José Tragant, Buenos Aires, 1917, p. 952.

participar dessa comunicação através da linguagem internacional numérica por dois motivos: a) a obtenção do consenso interno e do reforço dos laços nacionais, e b) a possibilidade de se promover no exterior.

Dentro dessa padronização não podemos deixar de mencionar a influência dos intelectuais dos países avançados, principalmente dos europeus, que gozavam quase de um monopólio internacional neste período. Os fundadores dos CIEs, como já foi assinalado eram estatísticos europeus que se reuniram na Exposição de Londres. Entre eles, alguns tiveram maior influência que outros. Tal foi o caso de Adolphe Quételet. Os primeiros trabalhos estatísticos do Brasil e da Argentina basearam-se nas suas obras.

Assim, Cândido Gomes "... propunha a organização da estatística geral do Império em dois conjuntos: território e população, além da formação de quadros especiais", embora a concepção de estatística deste ainda fosse a de Achenwall de 1749: descrição numérica das coisas do Estado (*Anuário*, 1991:7). Por sua vez, Adolfo Moutier, diretor dos levantamentos do censo da província de Buenos Aires de 1890, na introdução do mesmo reconhecia a importância de Quételet na organização dos CIEs, e expunha sua opinião sobre esse congresso:

"A los que tanto debe el progreso de la ciencia, y al esfuerzo persistente de los sabios más ilustres en pro del mantenimiento de sociedades de carácter permanente y universal, tendientes a armonizar planes de estudio e investigación"

e agregava sobre a obra que estava apresentando:

"He tratado, sin embargo, de uniformar mi programa con el que han seguido en estos últimos tiempos las naciones más civilizadas, ajustadamente en todo cuanto me ha sido posible a las prescripciones aconsejadas por los congresos internacionales de estadística." (Censo, 1890: II-III).

Mas, a padronização dos critérios censitários não foi fácil nem imediata, sobretudo no Brasil, embora seus homens de Estado aderissem às idéias da 'uniformidade' e 'universalidade'. Eles denunciavam as inexactidões nas coletas de dados estatísticos feitos até esse momento e elogiavam a iniciativa das nações européias:

"Na Europa as nações se aproximam, estabelecendo por meio de

accordos internacionais o mesmo systema de pesos e medidas, a mesma uniformidade de moedas, e, estudando-se mutuamente, procuram uma lingua universal, buscam por meio de congressos estatísticos harmonizar os arrolamentos, estatuindo os mesmos quesitos e em determinados annos.” (Silva, 1986:11).

III.

Censos e estatísticas existiram desde que apareceu o primeiro tipo de Estado. Na Antiguidade eles eram utilizados para estipular os tributos, impostos, serviço militar, etc.

No caso das colônias americanas, as estatísticas sempre foram de muita importância para as metrópoles, tanto para fins fiscais como por motivos administrativos, mas elas nunca formularam um método eficaz e preciso para realizar as contagens. Serviam-se então de dados paroquiais. Como diz Joaquim Norberto de Souza e Silva:

“Datam dos tempos coloniais as primitivas tentativas que se fizeram para o recenseamento da população. A metrópole querendo conhecer a demographia da sua colonia, começou a fazer o censo por meio das autoridades eclesiásticas” (Investigação, 1986:6).

Durante os séculos XVIII e XIX, o conceito de estatística passou por vários estagios até chegar ao conceito adotado e difundido pelos CIEs. Podemos sintetizar o desenvolvimento do conceito no período mencionado nos seguintes itens, segundo Gilberto Loyo: 1) Em grande parte das definições do século XVIII estava presente o conceito descritivo/governamental como fim do conhecimento e como objeto de descrição. 2) Em duas definições daquele século se diz que a estatística serve para estimar ou medir a riqueza dos indivíduos, e numa se diz que permite conhecer as possibilidades de uma sociedade burguesa. 3) Já na primeira metade do século XIX aparecem os primeiros delineamentos do que seria a estatística moderna embora ainda predominasse o conceito descritivo. A partir da década de 1830, apareceu a idéia de que a descrição pode aplicar-se a toda classe de fatos, superando-se a perspectiva governamental. Na década de 1840, apareceu finalmente o conceito de lei, com o objetivo da estatística passando a ser o de descobrir as leis que regem os fenômenos sociais (Loyo, 1938:375-404).

IV.

Conjuntamente à evolução do conceito de estatística e à sua difusão através dos congressos internacionais, evidenciaram-se novas e generalizadas aplicações. Analisaremos a seguir a repercussão que teve a estatística na constituição de duas novas nações americanas — Argentina e Brasil — e na relação delas com o mercado mundial. Mas, antes, vamos sintetizar qual tinha sido, desde a colônia até meados do século XIX, a relação da América Latina com a Grã-Bretanha.

Depois de uma primeira aproximação dos países latino-americanos com a Inglaterra no século XVIII, houve um retorno ao isolamento, provocado pelas guerras da Independência, que os colocou numa situação muito particular com respeito a outros países do mundo. Todos se apresentavam como Estados territoriais soberanos; mas, excetuando o Brasil, nenhuma das antigas colônias teve uma vida institucional organizada até a segunda metade do século XIX. Esta situação fez demorar os investimentos estrangeiros e também a chegada de imigrantes. Até a constituição de Estados Nacionais ‘pacificados’, com instituições mais ou menos sólidas, foram muito restringidas suas participações no livre movimento de mercadorias, homens e capitais.

Por este motivo, pelo seu caráter de nações novas, pelo fato de terem sido pouco confiáveis (não só pelos conflitos bélicos, de poder e organização institucional; senão também porque salvo o Brasil, a América Latina tinha dificuldades para pagar as dívidas dos empréstimos britânicos), os países latino-americanos deveriam demonstrar que as coisas tinham mudado, que suas economias cresciam, que a alfabetização avançava, que as instituições se mantinham, etc., a fim de que sobretudo a Grã-Bretanha recuperasse o seu interesse pela região.

Tudo isso fez com que as nações que desejassem ser ‘integradas’ deveriam mostrar sua predisposição para cumprir as orientações dos países desenvolvidos, buscando apresentar-se como ‘fornecedores confiáveis’. As estatísticas vieram ajudá-las neste sentido.

Existe um vínculo direto entre censo e nação, e, dadas as características do período aqui escolhido, entre censo e mercado mundial. Já mencionamos a necessidade, surgida na primeira Exposição Universal, de acompanhar os produtos lá expostos com dados numéricos que dessem conta da sua quantidade, qualidade, valor e condições econômicas, e vamos retomar esta idéia mais adiante. Por enquanto, centraremos nossa atenção na relação entre censo e nação.

Entre a reunião dos primeiros Congressos e a subsequente imple-

mentação, na Argentina e no Brasil, das diretrizes que eles difundiram, passaram-se alguns anos e, embora de forma parcial alguns tipos de registros tenham surgido, até o final da década de 1860 e início da de 1870, a estatística desta parte do mundo ainda não tinha entrado na 'modernidade'.

Em suas origens, a estatística do Brasil é imprecisa sobretudo devido à falta de políticas coordenadas entre os ministros do Império e os presidentes das Províncias. Antes de 1872, não houve um recenseamento que merecesse tal nome. Existiram cálculos, estimativas, contagens parciais e incompletas da população, etc. Os ministros pediam aos presidentes das Províncias "que informassem sobre o respectivo número de habitantes", ou que mandassem as "informações que pudessem colher"; mas nunca existiu qualquer proposta mais séria em matéria de estatística.

"Alguns censos de população, que possuem varias provincias, acham-se eivados de vicios e inexactidões, taes quaes se notão geralmente nos seus mappas estatísticos, feitos sem plano, organizados sem instruções semelhantes, que convergissem para um tudo uniforme" (Silva, 1986:12).

E nem o Censo de 1872 chegou a ser uma exceção, na visão dos estatísticos republicanos.

"O relativo exito do recenseamento de 1872 devia animar o governo imperial a prosseguir nos esforços para melhorar a estatística do paíz." (Investigação, 1986: 183).

O advento da República mudou essa situação; apesar do problema da organização dos censos continuar a ser quase o mesmo, mudou o lugar da estatística na nova ordem republicana³. Ainda que a República não tivesse solucionado todos os problemas em torno das estatísticas, garantiu-lhes um espaço. De acordo com a Constituição passariam a ser realizados levantamentos censitários decenais.

³ O retrospecto do IBGE descreve a situação das estatísticas no regime federativo, que garantia aos governos federal, estaduais e municipais autonomia administrativa, o que levou a que freqüentemente se efetuassem multiplicidade levantamentos, tendo como resultado o cansaço do informante. A falta de coordenação dos trabalhos também dificultava a elaboração de tabelas nacionais. Cf. *Anuario Estadístico...* (1991).

Na Argentina, antes da 'Organização Nacional' tampouco se pode falar propriamente em estatísticas nos critérios 'modernos'. Antes do primeiro censo nacional em 1869, só houve as contagens do período colonial ou *empadronamientos* parciais da população. Também na Argentina foi depois de uma nova ordem institucional que a estatística conseguiu consolidar-se como meio de conhecimento e de avaliação da realidade.

Se aceitamos a definição de valor proposta por Benedict Anderson: "*Una comunidad política imaginada como inherentemente limitada y soberana*", a nação é 'imaginada'

"porque aún los miembros de la nación más pequeña no conocerán jamás a la mayoría de sus compatriotas... pero en la mente de cada uno vive la imagen de la comunión (...) limitada porque incluso la mayor de ellas tiene fronteras finitas" y por último *"se imagina como comunidad porque la nación se concibe siempre como un compañerismo profundo, horizontal"* (Anderson, 1993:23-25).

Qual seria nesta perspectiva a função dos censos? Os censos fornecem informações sobre a constituição da nação. A nação continua a ser imaginada, só que os dados fornecidos pelos recenseamentos propiciam argumentos à mesma. Os percentuais da população de acordo com sexo, religião, nacionalidade, alfabetização, etc. são informações a partir das quais a 'nação' pode conceber-se como uma 'comunidade' que se autoconhece. É o conhecimento (ainda que este seja distorcido) que cria a identidade e determina o início da utilização de frases tais como: "Nós somos...".

V.

Para as economias da Argentina e do Brasil, era fundamental contar com as compras e investimentos dos países industrializados, e foi por isso que se adaptaram tão acriticamente a todos os requisitos que estes determinavam⁴. As economias industriais necessitavam de alimentos e

⁴ Muitas vezes realizar um censo significava um grande esforço para os governos dos novos Estados. Frequentemente também tiveram que enfrentar oposições e resistências. No caso dos censos populacionais argentinos, o conflito era gerado nas câmaras legislativas que temiam pelas mudanças da proporção de representantes por província, alegando que a população de umas crescia mais que o conjunto. No

matérias-primas baratas. Para a Grã-Bretanha, o que interessava era importar alimentos e matérias-primas aos mais baixos preços, sendo indiferente a origem destas importações.

Mas, para garantir o fornecimento, era preciso ter certeza de que as diferentes economias nacionais eram capazes de manter suas ofertas ou demandas, e era necessário ter dados corretos dos possíveis aportes 'periféricos'. Através da persuasão ou da coerção, os diferentes países foram-se encaixando no mercado mundial, seguindo as indicações das economias desenvolvidas. Como diz Polányi, o sistema oferecia 'negócios pacíficos', e as exposições internacionais eram a prova disso (Polányi, 1980:26).

VI.

Assim como as exposições universais foram rituais de autocongratulação, as estatísticas, e dentro de sua produção, os censos, constituíam demonstrações de autoconfiança. Em primeiro lugar, confiança nas estatísticas como forma de conhecimento, de apreensão da realidade e do saber 'moderno'. Exemplo disto era a legislação que previa a realização periódica de recenseamentos, e sobretudo as afirmações que fizeram os homens de ciência e de Estado que estiveram encarregados da direção e do levantamento destes.

Diego de la Fuente o exprime na sua introdução ao Censo Geral argentino de 1895:

"Los fenómenos físicos y morales, individuales, sociales y políticos, son factibles de apreciación cuantitativa, con el que facilitan el conocimiento de su importancia real permanente o accidental comparable o relativa. En la existencia de esta condición substancial reside el valimiento mudo pero expresivo de las cifras que consignan censos y estadísticas y es así como, aún sin darnos cuenta de su importancia, nos servimos de los números en el movimiento diario de estudios, comercios y relaciones." (Segundo Censo, 1898: pág. s/n).

A confiança de Bulhões de Carvalho no Brasil não era menor durante os anos vinte:

Brasil, a lei censitária de 1851 provocou perturbações no norte do País "sublevando-se as populações contra a chamada 'lei do cativo'", já que se lhe atribuiu o objetivo de ezcravizar aos homens negros". Cf. Silva (1986), pág. 177. Além dos conflitos gerados pelo temor de novos impostos e, sobretudo dos esforços administrativo e orçamentário que os censos implicavam.

“Só por volta das estatísticas podem os estadistas conscientes ter uma idéia aproximada desse mundo de fenômenos, dessa multiplicidade confusa das colmeias humanas, empenhadas em beneficiar o solo pelo trabalho e em acelerar a marcha progressiva da civilização pelo estreitamento cada vez mais generalizado dos vínculos de solidariedade universal.” (*Anuário*, 1991:11).

Havia confiança também de que os recenseamentos revelariam o crescimento e progresso ‘evidentes’ destas latitudes. Se os censos revelavam a realidade, então também teria que ser evidente para todos os homens do mundo civilizado (leia-se Europa e Estados Unidos) que a nação progredia, e isto podia ser medido numericamente.

“Las viejas sociedades que son bien conocidas pueden ahorrarse la publicación de muchos datos; en tanto que las nuevas necesitan abarcarlo todo para hacerse conocer y atraer hacia sí atención y consideraciones que no pudieran obtener de otro modo.”

Quando Diego de la Fuente dizia em 1895 querer atrair atenção e consideração, obviamente pretendia que essas velhas sociedades, que não precisam promover-se, reparassem na Argentina. Pretendia para esta o investimento de capitais estrangeiros, a continuidade do papel de fornecedora de matérias-primas, que fosse escolhida pelos imigrantes, em resumo, vê-la integrada ao mercado mundial ou aperfeiçoar a sua integração.

Em 1907, realizou-se no Brasil uma das pesquisas das riquezas naturais e industriais. Na obra resultante explicitava-se a função dos censos e de outros trabalhos estatísticos para os países ‘novos’:

“... não só para attrahirem a atenção e captarem a estima das mais antigas nações, mas também para se habilitarem a receber a valiosa cooperação dos capitaes e braços estrangeiros, indispensaveis ao aproveitamento de suas forças naturais e ao seu desenvolvimento econômico.” (Centro Industrial, 1907:5).

A mesma fonte denunciava as dificuldades dos diplomatas brasileiros no exterior em esclarecer aos banqueiros, capitalistas e industriais as questões econômicas referentes ao Brasil, motivo pelo qual se decidiu realizar a pesquisa apresentada.

Essa dimensão internacional, essa projeção dos trabalhos estatísticos

é evidenciada através de diferentes indicadores: as edições bilingües espanhol-francês e português-francês, o espaço reservado às estatísticas dentro das exposições universais, etc.⁵. Obviamente, os países novos eram os que maior interesse tinham de aproveitar aqueles encontros internacionais da 'civilização' para se promover.

“Hoje que a expansão do comércio internacional constitui o principal problema que permanentemente procura a diplomacia de todas as nações, o conhecimento recíproco dos povos sob o ponto de vista de seus interesses econômicos tornou-se uma necessidade de primeira ordem... N'estas condições um bom livro de consulta será o mais proficuo agente de propaganda em favor de nossa patria, e um dos mais ativos promotores da sua prosperidade.” (Centro Industrial, 1907:8).

Um estudo sobre o censo argentino de 1895 interroga-se, no começo do século XX, sobre como se deve efetuar um censo que sirva de propaganda no exterior. Os principais pontos da resposta a que chega são: 1) as informações não devem limitar-se à publicação de cifras agregadas, que só os especialistas podem apreciar; 2) as seções do censo dedicadas à agricultura e à mineração devem conter antecedentes que mostram o desempenho de cada uma; 3) junto com as comparações temporais entre censos, também devem ser comparados os resultados de cada censo com os de outros países sul-americanos, e 4) as principais matérias devem ser traduzidas para o inglês, alemão e francês, e difundidas profusamente nos centros comerciais e imigratórios desses países (*Estudio*, 1904: 43-44).

Com o mesmo intuito, os organizadores da pesquisa do Centro Industrial do Brasil exprimiram a intenção de publicar um resumo da obra completa em vários idiomas para que circulasse na Europa e América.

Algumas páginas atrás foi desenvolvida a idéia de padronização, em relação à qual afirmamos que as estatísticas e sua associação internacional, os CIEs, tiveram a vantagem de ter como linguagem signos numéricos. Devemos acrescentar agora que as publicações com dados censitários costumavam traduzir as nomenclaturas apresentadas nas tabelas para dois ou três idiomas, facilitando a sua 'universalização'.

⁵ Na exposição internacional do Rio de Janeiro, de 1922-1923, a estatística teve o seu próprio pavilhão.

Principais Conclusões

Procuramos agregar uma variável àquela que foi analisada por Hobsbawm, para desenvolver sua hipótese de que o mundo, no último quarto do século XIX, ficou mais conhecido, como nunca tinha sido antes. Aachamos que os censos, na sua dimensão interna e internacional, serviram para a consolidação das novas nações e permitiram, pela primeira vez na história da humanidade, a circulação de informações econômicas, geográficas, demográficas, etc. com base científica (nos termos da ciência do século XIX) sobre as diferentes partes do mundo.

Se os relatos ou crônicas de viajantes ainda eram subjetivos, preconceituosos, fantasiosos e pouco confiáveis para os homens de negócios, as novas pesquisas estatísticas passaram a ser sumamente confiáveis. Esta idéia de confiabilidade estava sustentada na 'certeza' dos homens do século XIX sobre sua capacidade de conhecer a 'realidade como ela é'.

Os censos, em seu vínculo com as exposições universais e com os CIEs, demonstram uma vez mais, a complexidade da internacionalização da economia e da inserção das nações mais atrasadas no mercado mundial. Eles sintetizam todas as variáveis que explicam parcialmente a relação entre mercado mundial e o preenchimento dos espaços vazios nos mapas. Parafraseando Hobsbawm podemos dizer que os censos foram em parte um subproduto da política externa, do entusiasmo missionário, da curiosidade científica e da iniciativa editorial⁶.

Referências Bibliográficas

- Anderson, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexiones sobre el Origen y la Difusión del Nacionalismo*. México: FCE, 1993.
- Anuário Estatístico do Brasil. *Resenha Histórica*. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.
- Broggi, Hugo. "Importancia de los estudios estadísticos". *Memoria del Congreso Americano de Ciencias Sociales. Tucumán, 5 a 10 de Julio de 1916*. Buenos Aires: Imprenta José Tragant, 1917.
- Censo de la Provincia de Buenos Aires. 1890*. Dirección General de Estadística de la Provincia de Buenos Aires, s/d.

⁶ "Definir precisamente quanto o processo contínuo de exploração que gradualmente preencheu os espaços vazios nos mapas, estava interligado com o crescimento do mercado mundial é uma questão complexa: parte era subproduto da política externa, parte do entusiasmo missionário, parte da curiosidade científica e, para o fim de nosso período, parte de iniciativa jornalística e editorial." Hobsbawm, E. Op. cit. pág. 69.

- Centro Industrial do Brasil. O Brasil, suas Riquezas Naturaes. Suas Industrias*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Orosco & C., 1907.
- Estudio del Censo Argentino de 1895*. Santiago de Chile: Imprenta Litográfica y Encuadernación Barcelona, 1904.
- Hobsbawm, Eric. *A Era do Capital. 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- Ibanez, Carlos. *Reseña de la Novena Reunión del Congreso Internacional de Estadística*. Madrid: Imprenta Central, 1877.
- Loyo, Gilberto. "Evolución de la definición de estadística". *El Trimestre Económico*. N. 3, vol. 5. Oct.-Dic. 1938.
- Polányi, Karl. *A Grande Transformação. As Origens da Nossa Época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- Segundo Censo General de la República Argentina. 1895*. Buenos Aires: Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional, 1898.
- Silva, Joaquim Norberto de Souza. *Investigação sobre os Recenseamentos da População Geral do Império. Resumo Histórico dos Inquéritos Censitários realizados no Brasil*. São Paulo: IPE-USP, 1986. Edição fac-similada, 1.ª ed. 1870.